

C. M. B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

H. POUSÃO

EM BARCELOS — 1871-1872

Por *A. Soucasaux*

HA nesta cidade uma Casa, da distinta Família Salazar, que tem uma história como mais ou menos todas possuem. Foi levantada sobre as ruínas doutra, ocasionadas por pavoroso incêndio quando tinha como hóspedes D. Maria II, D. Fernando e outras personalidades do séquito, que, quanto possível, pormenorizei no livro que escrevi, «Figuras, Tipos e Coisas.»

No lance foram muitos os pormenores que dariam, assim, aso a boa metragem de cinema.

É hoje dela donatário o gentil e prestante cidadão Mário Norton, com traços de parentesco com notável colonialista de tão saudosa recordação.

Com a pertinácia de um beneditino e a paciência de um franciscano, vem anosamente recheando o seu lar com preciosidades de exigências de Museu...

É, pois, possuidor de boa quantidade de colchas orientais, sendo alguns especimens um tanto raros! Das portuguesas, especimens evidenciando, a valer, um agradável sabor regional.

Louças da China, do Japão, da Índia, Delft.

Da nossa cerâmica, representação variada!

Em esculturas, de tamanho mediano, são bastantes a apreciar. Insculpidas em mármore, em madeira e em marfim. Quase todas com significado religioso, de épocas e estilos diversos.

Arcas com o bilhete de identidade vincado nos metais que as ornamentam pela patinação ou velhês.

Também no arquivo ou recheio da Casa, se nos depara volumoso álbum, de formato avantajado, que tem seleccionada colecção de gravuras de autores consagrados.

Pois por um destino favónio, através de vários donos da casa, hoje da Família Dr. José Ramos, nela vieram parar primícias do Insigne Pintor Henrique Pousão, algumas datadas de 1871-1872.

Viveu Pousão com seu Pai aqui, na altura em que era este Proc. Régio, dado à Poesia ressentida do romantismo em que imperava o «Noivado do Sepulcro!» Escreveu vários versos, nesta terra, alguns dos quais se podem ler na colecção existente na Casa Salazar.

Retratos fotográficos do Artista, um de

N'ALEGRIA E NA DOR

(IMPRESSÕES)

Vejo em ondas azues dourada estrella
Quando os olbos levantas n'alegria!
Dá-lhe luz anjo meigo da ventura!
He um riso de Deus que os alumia!

Quando o palido rosto ao chão inclinas
E te curvas ao peso d'atra dor...
Cuidamos ver pender fanado lyrio...
Cuidamos que desfolha nivea flor!

Se o joelho dobras e em sacro templo...
Véo descido na fronte... mãos erguidas...
Respeitamos em ti anjo dos tumulos
Co'as roupagens funereas distendidas!

Um sorriso dos teus ventura exparge!
O teu pranto mil prantos faz nascer!
Do regaço da Virgem flor tombada
És um mimo do Ceo! Casta mulher!

Barcelos, 27 de Março de 1872.

F. POUSÃO

(Pai de H. Pousão)

um profissional de Braga e outro já quando em Paris.

São modestas as primícias do notável Artista que se podem examinar. Devia ter 12 anos, pois, segundo as datas, quando produziu, algumas, em Barcelos:

Um belo desenho à pena;

Uma cópia em carvão;

Um retrato de Mulher, também em carvão, e

Uma tela em 24/30 cm. autenticada, mas sem o nome da localidade, porém já, sem dúvida, quando começava a madurar.

As asas... ainda nas primícias, em plumagem, que, mais tarde, desenvolvidas, o deviam elevar às alturas a que gloriosamente subiu!

Devem, pois, tais primícias serem analisadas objectiva e subjectivamente como procedem os Pais quando acompanham a evolução dos Filhos no engatinhar, no tatear os primeiros passos e... balbuciar as primeiras palavras!

É muito curioso verificar que a Casa, no Largo José Novais, em que viveu, passou por vários donos e como transitaram até che-

LEITURA

Esta expressão «Leitura», há cem anos, sugeria logo a imagem de uma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Séneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janela aberta sobre os aromas de um jardim: e neste retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o «seu livro», num recolhimento quase amoroso. A ideia da leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando páginas à pressa, no rumor de uma praça.

Eça de Queirós

gar à posse da Família Salazar, todas estas lindas recordações!

Como o leitor verifica isto tem o ligeiro carácter de uma modesta notícia, sem premissões.

Quem quiser empolgar-se na grandeza pictórica de Pousão, tem os livros de Abel Salazar, Diogo de Macedo e Fernando Francisco Lopes.

Agora no período do centenário, belos artigos saíram nas páginas do «Primeiro de Janeiro» e do «Comércio do Porto».

Na Invicta, no Museu D. Manuel II, patente uma riquíssima colectânea saída das preciosas mãos de Pousão!

O anseio destas minhas linhas é pensar que Barcelos deve, em placa, assinalar a sua meteórica e luminosa vivência aqui!

E outras naquela em que viveu, também, Eiffel; em que nasceram António Fogaça e o Conde de Almoester! Não deve a despesa agravar muito o orçamento da Câmara.

As comparações em regra humilham... Na Póvoa temos o exemplo destas manifestações simpáticas.

P. S. — Cumpre-me aqui agradecer as úteis informações que me deu, quanto à permanência em Barcelos, o bairrista-amigo António Silva e certos ensinamentos de prudência do outro amigo: Mestre Diogo de Macedo.

Traje Minhoto

(Continuação do número 65)

Traje de Barcelos

○ Traje de Barcelos, actualmente usado pelo « Rancho de Barcelinhos », suporta aqui e ali algumas alterações, e no meu entender, acho-o um pouco misto.

Não tem aquela pureza e regionalismo que qualquer rancho deve procurar ter na sua apresentação de verdadeiro regional, admitindo-se, todavia e por vezes, pequeníssimas alterações, sem importância.

Porém, entendo que, quando do seu aparecimento, para questão de representação deste concelho, não tivessem escolhido um dos dois mais típicos e regionais desta região, — o de Macieira de Rates, ou o de Negreiros, — freguesias estas que distam 14 e 13 quilómetros da sede do concelho. O primeiro ainda em uso, o outro já em desuso, mas muito parecidos entre si, visto serem freguesias juntas.

O de Macieira de Rates teve uma pequena alteração de há 30 ou 40 anos para hoje, que consiste em usarem chapéu sobre o lenço da cabeça, dando-lhe, no meu entender, mais graciosidade.

sentou-se pela primeira vez em 1935 numa festa do Trabalho na cidade de Guimarães, e no ano seguinte, em Barcelos com o nome de « Rancho Minhoto ». Foi seu primeiro Director-Artístico o Senhor Manuel Pereira Rainha, pessoa de bastante habilidade e condições suficientes para a organização de um grupo folclórico.

Além, destes trajes deste concelho, ainda temos o de Balugães que apareceu em 1920, uma imitação do de « Noiva » de Pêrre, mas com menos pureza e regionalismo. Notam-se várias alterações nas diversas peças do vestuário, todavia, também não deixa de ser gracioso e interessante.

Traje de Balugães (Noivado)

ELA

Chinela, de biqueira aguçada, cor preta e tacão médio.

Meias, pretas de algodão.

Saia, de pano armur ou baetilha, comprida até ao tornozelo e com bastante roda solta, tendo grande barra de veludo preto e, no fundo desta, folhos de vidrilhos. Era costume empregarem 8 a 9 côvados de pano.

Blusa, tipo de casaco cintado, cor escura e sem decote. No peito, desenhos de corações, âncoras, etc., feitos com vidrilhos pretos. As fraldas eram de folhos do mesmo pano com enfeites de

vidrilhos que sobrepunham, cobrindo, o colarete da saia.

Lenço, de tafetá ou mantinha de lã de cor creme.

Camisa, de linho, simples

Avental, de veludo preto, largo e comprido com barra de seda preta e rendas.

Ouro, cordão e fio de contas, e nas orelhas as típicas argolas.

Ramo, de cera e folhas artificiais imitando a flor de laranjeira que é oferecido no dia da boda ao Sagrado Coração de Maria.

ELE

Bota, preta de elástico ou cordão, com sola cardada.

Calça, de fazenda, casimira ou montanhesca, preta ou castanho escuro, muito justa à perna, bolsos de alçapão, tendo atrás duas presilhas ou puchadeiras com duas fivelas.

Casaco, de fazenda de casimira ou montanhesca, mas curto, até aos quadris, dois bolsos e sobre o peito outro pequeno, para o lençinho de alvo linho. Na lapela que é estreita e de bico redondo, leva um cravo branco.

Colete, da mesma fazenda de casimira, com lapela dobrada, e nas costas uma fivela de apertar com duas puchadeiras, dois bolsos pequenos para o relógio e grossa corrente de ouro.

Camisa, de linho fino com pequeno colarinho branco e laço preto pequeno.

Chapéu, preto de abas largas.

Traje de Barcelinhos

A saia e o avental são fabricados em combinações de várias cores, sempre dentro da tonalidade suave e modesta.

Saia, de serguilha, como também o avental. Este mais claro com a sua barra — « forro » — de cor preta, são totalmente diferentes das saias e aventais Vianeses.

Colete, de rabos, preto com bordado a cores é também inconfundivelmente barcelense, bem como a camisa de larga gola e ombros bordados a branco, característica original, pois nenhum Traje Vianês rigoroso tem camisa de gola larga bordada, como o barcelense.

Lenço, de ramagens e cruzando no peito. A cabeça é coberta com lenço igualmente de ramagens, um de fundo mais escuro e outro de fundo mais claro, sendo característica inconfundível barcelense a combinação do lenço castanho e do azul, este quase exclusivamente de uso barcelense. São igualmente do traje barcelense os lenços de fundo vermelho e os de fundo verde. Se um lenço é de cor mais viva o outro

contrasta mantendo-se a harmonia e característica suaves, predominantes no conjunto.

Meias, Chinelas, Faixa e Lenço de Mão, tudo isto obedece a escrupuloso rigor; usado em outros trajes do Minho.

Adornos, a filigrana não faz parte, sendo apenas usada e não muito a chamada estrela (espécie de cruz de malta).

Características, as argolas e o coração de chapa, os cordões e a borboleta assim como a cruz.

Traje de Macieira de Rates

Chapéu, de cor pinhão, com uma fita em volta e ao lado esquerdo um pequeno cordão entrelaçado, com um nó de laço.

Lenço de Peito, com ramagens predominando a cor vermelha.

Lenço de cabeça, igual ao do peito, com flores predominando também a cor vermelha. Este fica colocado na cabeça de maneira a dar um nó do lado esquerdo.

Saia, de lã (tecida em casa) de cor escura com listas vermelhas.

Avental, do mesmo pano e mesmas cores.

Faixa, preta e comprida, atada à cinta de maneira a puxar, um pouco, a saia acima.

Meias, de lã e claras, feitas, também em casa.

Chinelas, pretas com rebiques.

Traje de Negreiros

Em desuso há anos, mas muito igual ao de Macieira de Rates.

Traje de Esposende

Estes trajes são realmente bastante interessantes, tendo havido o capricho e meticulosidade na sua apresentação, focando bem o seu regionalismo. Todavia, os grupos de Esposende, no meu entender e talvez por falta de tempo, ainda não estão completamente ensaiados, notando-se de vez enquando, algumas deficiências.

O traje de Vila Chã muito completo na harmonia das cores dos tecidos, que lhe dão uma graciosidade única, agradando imenso a sua apresentação.

A saia em Vila Chã com barras horizontais em cores. Umas, em cinzento, verde e amarelo; outras, em cinzento, branco, preto e pinhão, e ainda outras em cinzento, branco e vermelho. Também têm em preto claro e carregado, com barra larga em preto ou azul escuro. O avental também tecido em Vila Chã e com barras horizontais em cores, predominando numas, cinzento, verde, vermelho e azul, e outras, azul eléctrico, pinhão, verde e vermelho. Também têm em veludo preto, cetim preto e setinela ou pano azulado.

A barra é em veludo ou renda preta. A chinela é pespontada a linha branca. O colete de rabilhos em linho, durraque e pano adamascado. Também é de teia em cores várias. As algibeiras de um ou dois bolsos, tendo bordados corações e a palavra « Vila Chã ». O chapéu de espelinho e enfeites de penas coloridas. E a camisa com renda vulgar. Isto tudo diz respeito à mulher.

Ao homem, usa o colete, de pano preto ou azul. O forro era de flanela vermelha, azul ou xadrez preto e branco. A camisa em linho, bordada a ponto de cruz vermelho, azul ou preto. Peito de trespasse, sendo o colarinho, às vezes, de bretanha e, outras, do próprio linho. A calça de linho em pesponto « Silva » a linha preta, azul ou vermelha, e estreita. Faixa preta e às vezes com barras vermelhas ou azul na ponta.

Traje de Vila Chã

Os homens velhos vestiam, ainda no princípio deste século calça de alçapão à moda de 1820, feita de linho, estopa ou de serguilha de lã, dos teares caseiros; vestia de serguilha ou serrobeco; colete de costas de castorina, flanela ou xadrez preto e branco com recortes, nas costas do mesmo pano da face do colete... Usavam tamanco; ou chinela de couro cru, nas festas de ano ou romarias.

As mulheres usavam no trabalho:

Saias e aventais, de riscas.

Colete, de rabilhos de ressaibo mourisco, que lhes dava elegância. Eram de linho, paninho, cetinete ou tecidos a « lãzinha » no tear caseiro. Sobre o busto, o lenço de ramagens ou « rose-seca » cruzado sobre o peito. Na cabeça, o lenço atado em nó ao alto.

Chapelinho, de feltro com espelho, lentejoula e florinhas ou penas coloridas, espetadas na fita, cujas pontas caíam pelas costas.

Tamanquinhos, de bico arrebitado. Nos dias de festa, chinelas de bico pespontadas a retros de cores.

Traje de Luxo

Consistia em:

Saia, de grande roda de « paninho », baetilha, armur, baeta-crepe, etc., com barra de veludo, espiguihas, vidrilhos, etc. . .

O tabardo, (casaco) da melhor casimira muito ornado no peito e nos punhos das mangas com rendados, vidrilhos e lentejoulas.

Avental, de armur, cetim, veludo... igualmente muito ornamentado, quase todos ostentando ao centro as « Armas Reais ».

Meias, de linho, com bordados e « abertos », brancas, é claro.

Algibeiras, algumas muito artísticas e bordadas a lã ou retrós

(Continua na página 6)



Dirigida por Waldemar Esteves

O Presidente do C. D. da TEBE fala sobre o momento actual do Clube

Sendo nomeada nova Direcção para gerir os destinos do Clube durante o corrente ano, achamos oportuno ouvir de um dos seus membros algumas declarações, declarações essas, relacionadas com o actual momento do Clube. Escolhemos o presidente, Senhor Manuel Correia, que amavelmente se colocou à nossa disposição.

— A sua presença à frente dos destinos da colectividade, trará para ela certamente novos objectivos, não é verdade?

— Objectivos não sei; ideias talvez. O que é preciso é que se conjuguem os esforços para que o futuro do Clube seja cada vez mais honroso elevando o seu prestígio dentro da modalidade.

— Realmente assim parece, pois com a aquisição do categorizado Cunha Gonçalves, a direcção dá a entender ser esse um dos seus objectivos. Portanto, esperando no título?

— Nem muito. A missão do treinador vai ser muito difícil dado o problemático concurso de quatro atletas que vão prestar serviço militar. Em face disto, Cunha Gonçalves só, não chega para a conquista do título, e por tal, apesar de se estarem preparando novos elementos, a minha reserva. Para a próxima época, então sim, já devemos ter elementos capazes de discutirem a primazia no torneio.

— É verdade que o clube abriu uma escola de jogadores?

— Sim, encontrando-se a mesma em franca actividade, dando-nos a esperança que se obterão bons frutos.

— Fala-se na aquisição de novos valores. Poderá dizer-nos o que há de concreto sobre o assunto?

— De facto assim tem de ser, uma vez que como atrás disse, estão em dúvida uns tantos elementos, procuramos suprimir as referidas vagas.

— Pode-nos mencionar nomes?

— Por enquanto não, pois estamos agindo no máximo segredo. Mas posso-lhe afirmar que são infindados alguns boatos que circulam sobre as nossas pretensões deste ou daquele elemento.

— Uma vez que o clube está na iminência de perder o concurso de alguns atletas, porque motivo dispensaram Fernando Pedras?

— A essa pergunta, desculpe, mas abstenho-me de responder, pois a dar uma resposta teriam de vir à baila outros assuntos que de momento não convém. Lá mais para diante, se houver oportunidade talvez se explique tudo.

— Naturalmente tem acompanhado a preparação da equipa. Pode-nos dizer alguma coisa sobre a forma dos seus elementos?

— Tenho presenciado algumas sessões de preparação, tendo-me agradado principalmente a condição física dos seus componentes.

— Tem tido problemas com os elementos em acção?

— Até agora, não; todos têm mostrado o maior empenho em colaborar, facilitando a missão do treinador e por conseguinte a nossa.

Sentimos que não devíamos ocupar mais, quem com tão boa vontade se prestou a esta entrevista. Agradecemos, desejando-lhe as maiores felicidades no cargo que ocupa.

A. FARIA

MAIS UMA BAIXA NO OQUEI BARCELENSE!

«*Se num casa muito excepcional voltarei a jogar*»
confessa-nos Carvalho, que abandona a prática
do oquei em patins

NÃO foi muito animador o progresso do oquei patinado barcelense, no que respeita a revelação de novos valores, na última época. À excepção de António Matos que revelou apreciáveis qualidades, mais nenhuma outra promessa surgiu para garantir a continuidade de um oquei melhor na nossa terra. Pelo contrário, pois às deserções de alguns valores, nomeadamente Oscar e Miranda lacunas que ainda não foram, nem serão tão cedo a continuar no ritmo verificado, preenchidas a contento, junta-se mais outra, e esta difícil se não impossível de substituir: a de António Carvalho, do C. D. da TEBE.

A ausência do referido atleta na preparação que o seu clube muito louvavelmente já iniciou, levou-nos a indagar o motivo porque tal se verificava. A resposta em parte não nos surpreendeu, pois lembramo-nos do acontecido em épocas anteriores. Todavia, procuramos Carvalho para sabermos as razões que o levaram, desta vez por escrito, a pedir a demissão de jogador.

Encontramo-lo em companhia de um antigo dirigente do C. D. da TEBE. A conversa naturalmente enveredou para o oquei em patins. Discutiram-se vários problemas da modalidade, sobretudo os relacionados com o clube. Relembrou-se desafios que por qualquer motivo não esquecem; até que se falou sobre treinadores. Indagamos de Carvalho se a passagem de Ranito pelo clube foi proveitosa. «Utilíssima em todos os aspectos — foi a resposta do excelente oquista que prosseguiu — «De cinco elementos dispersos, formou um autêntico conjunto com um fio de jogo definido, que apenas a ausência da sorte não deixou concretizar. Só pela criação de um novo elemento que hoje quase considero indiscutível na equipa, refiro-me a Nestor, ficava justificada a sua passagem pelo clube.

Mudamos o rumo à conversa, levando-a para o assunto que nos levou a procurá-lo:

— Porque não tens tomado parte nos treinos?

— Não volto a jogar — foi a sua resposta.

— Mas — atalhamos — qual o motivo? Não digas que é pelo habitual «falta de saúde»!

É por isso mesmo. Os médicos insistem em que não devo jogar. Portanto, embora com desgosto tive de tomar em definitivo esta decisão, decidiso esta que tenho vindo adiar de ano para ano. Já agora aproveito para, por intermédio do jornal, uma vez mais agradecer às direcções do Clube o cuidado que têm tido com o meu caso.

Insistimos:

— Todos os anos dizes o que agora acabas de afirmar, mas a paixão pelo oquei acaba por vencer a tua vontade. Portanto...

— Sim — contou-nos o nosso entrevistado — é precisamente o não ter vontade própria, só possível pela forma como o oquei se enraizou em mim, que me tem levado a contrariar os médicos, levando-me ao ponto de não atentar que cada jogo que fazia me encurtava a existência. Por isso, fiz o pedido de demissão por escrito e já agora, que me proporcionaste, faço-o também através do jornal; peço encarecidamente que não insistam para jogar.

— Portanto nada te levará a voltar à prática do oquei? Ligeira exitação. Por fim a resposta veio.

— A não ser um caso muito excepcional.

— Caso esse... — insistimos como a obrigar uma confiança.

— Caso esse — voltou o excelente patinador — que dependeria acima de tudo da vontade que manifestassem dirigentes e treinador; era se o clube ficasse

apurado para o Nacional. Nesse caso, teria muito prazer em ajudar o Clube, para que tivesse uma presença honrosa entre os grandes da modalidade.

— Uma vez, conforme dizes, abandonas apenas por motivos de saúde, caem por terra umas dúvidas que nos tinham assaltado, dúvidas essas relacionadas com algum mal entendido com a Direcção ou treinador não é verdade?

— Absolutamente. Nada tenho contra a Direcção e quanto a Cunha Gonçalves até tinha imenso gosto em alinhar ao seu lado. Porém o destino assim o quer, e tenho de me contentar como espectador.

— Uma vez que abandonas como praticante, não gostarias de treinar uma equipa?

— Gostava. Em parte não abandonava por completo a modalidade. Gostaria sobretudo ensinar os miúdos.

— Apenas outra pergunta, Carvalho: gostarias de certo ter uma festa de despedida. Não falaste em tal à Direcção?

— Apenas enviei a carta em que dizia abandonar a prática do oquei. Não sei portanto o que tencionam fazer.

Estava satisfeita a nossa curiosidade, que foi afinal a confirmação de que o oquei da nossa região perdeu mais um dos seus melhores praticantes.

* * *

À hora em que escrevemos estas linhas, ignoramos quais as intenções da Direcção do Clube Desportivo da TEBE, perante mais este caso. Uma vez porém, que o Carvalho está resolvido a abandonar o oquei em patins, é justo que se pense em homenagear um atleta que tão brilhantemente prestigiou o clube. Esquecê-lo, seria tremenda ingratidão. Daqui apelamos para que a Direcção, uma vez que certamente terá outros assuntos a tratar, nomeie uma comissão encarregada de elaborar e levar a cabo a homenagem que António Carvalho tem direito e merece.

Em nome da Secção Desportiva do «Boletim Social da TEBE» oferecemos desde já, os nossos préstimos.

JONE & TONE

Reflexão sobre uma presença

Pela primeira vez a Associação de Patinagem do Minho, tem um representante no torneio máximo da modalidade.

Depois de um começo um tanto incerto, fruto da natural inexperiência, a equipa do Famalicense tem dado uma ideia do valor do oquei minhoto. A carreira que os briosos atletas de Famalicão têm vindo a fazer no torneio em curso, se não pelos resultados pelo menos no nível de jogo apresentado, não é mais do que a prova de que, com maior contacto com os «grandes», o oquei da região atingiria o plano que os aficionados da modalidade anseiam.

Para isso, muito contribuiria que os nossos clubes promovessem a vinda de algumas das mais categorizadas equipas nortenhas, pois os sacrifícios financeiros que do empreendimento adviriam, seriam compensados pela certeza de tal contacto dar ao oquei minhoto a experiência que lhe falta.

Alac

Columbofilia

Por FERNANDO

História do Pombo Correio

(Extraído do Livro M. Leão Maia)

(Continuação do número anterior)

A POMBA DE NOÉ

A pomba de Noé, é a mais antiga citação do aproveitamento do instinto de orientação desta ave, da sua utilidade ao serviço do homem, e dela nos fala a Bíblia. Mais tarde, no tempo dos patriarcas, a utilização e educação dos pombos mensageiros continua, e depois ainda, na Judea, eram mais aproveitados para correspondência amorosa das mulheres que, por meio deles, convocavam os amantes ou admiradores, marcando com eles, entrevistas ou reuniões.

Salomão servia-se deles, também, para comunicar com todo o seu império e, para isso, possuía pombais em vários pontos.

É dos hebreus, também, a lei do sacrifício dos pombos, oferecido no templo de Jerusalém. Falam-nos na utilização dos pombos mensageiros, escritos de Aristóteles, Plínio, Varrão, etc.

Os gregos tinham organizados serviços desta correspondência, e nos jogos olímpicos era costume anunciar os resultados longe, por intermédio do pombo mensageiro. A utilização desta ave fora-lhes ensinada pelos caldeus e israelitas que, já há muito, deles se serviam. Também nos templos das divindades pagãs e, nomeadamente, nos de Vénus, os pombos eram tidos e conservados como símbolos e companheiros da divindade, mas utilizados os seus préstimos antes em proveito das sacerdotisas, que deles faziam os seus mensageiros de amor.

Também na velha China os seus serviços foram aproveitados, contando-se grande número possuidores de pombos mensageiros. Para os defenderem das aves de rapina que aí pululam, colocavam-lhes na cauda apitos de bambú que, com a mais leve deslocação de ar, emitiam sons diferentes, contendo em respeito esses destruidores de tão úteis aves.

No Oriente, o sultão Nureddin Mahamoud tinha modelares serviços de pombos mensageiros, instituindo cada vez mais pombais por todos os seus vastos territórios. Assim, era informado do que se passava, dava notícias suas e transmitia ordens.

O sultão Saladino usou também estas aves para seu serviço, durante o cerco de Ptolemais.

Chineses, persas, árabes, hebreus, egípcios, caldeus, gregos, etc., desde as mais remotas eras, conheciam e estima-

vam os pombos que lhes serviam de rápido meio de comunicação.

Os romanos, por sua vez, tendo visto como era aproveitado o instinto desta simpática avezinha pelos gregos, iniciaram-se também na sua criação e adestramento e, como prova que deles se souberam servir, temos a narrativa de Plínio que nos relata o cerco da cidade de Modena (43 anos antes de Cristo), onde o defensor da cidade, Brutus, se correspondia com Hirtius, por meio destes mensageiros alados.

Era o pombo correio, ainda na infância, servindo já na guerra, onde muitos séculos depois se notabilizou e... continuará, apesar de tudo.

No próximo número: O POMBO CORREIO NA GUERRA.

*

Conforme o prometido no número anterior, damos hoje a relação dos novos corpos gerentes da Comissão Columbófila do Distrito de Braga, para o biénio de 1958/60.

EFFECTIVOS

Presidente: António Manuel Vieira dos Santos — pela Sociedade Columbófila de Braga; Secretário: José do Nascimento Rodrigues Pereira Pontes — pela Sociedade Columbófila de Dume; Tesoureiro: Hernâni Martins da Costa dos Santos — pela Sociedade Columbófila Barcelense.

SUPLENTES

Custódio Campos de Faria — pela Sociedade Columbófila de Ruilhe, José da Silva — pela Sociedade Columbófila de Fafe e António de Oliveira Rego — pela Sociedade Columbófila de Famalicão.

No próximo número daremos nota de alguns assuntos referentes à Assembleia realizada no dia 25 p. p., em Braga, para a posse dos corpos gerentes desta Comissão Distrital e aprovação do Calendário Desportivo da Campanha de 1959.

*

Conforme noticiamos no nosso último número, realizou-se no dia 17 p. p. na sede da Sociedade Columbófila Barcelense com bastante número de associados, a reunião extraordinária para a posse dos novos corpos gerentes para o biénio de 1958/60, tendo-se também tratado do calendário e regulamento da próxima campanha desportiva, que teve início no dia 25 p. p., e ficou estabelecido que, a campanha desportiva seja disputada nos mesmos moldes da de 1958,

Fundação Calouste Gulbenkian

Biblioteca Itinerante n.º 12

ITINERÁRIO

Mês de FEVEREIRO DE 1959

DIA 1 — Domingo — *Itinerário n.º 1* — Pedra Furada, (9,30), Macieira, (11), Rates, (11,30), Minhotães, (12,30), Nine, (14), Viadinhos, (15,30), Silveiros, (18) e Carvalhas, (18,30).

Dias 2 e 23 — Segunda-feira — *Itinerário n.º 10* — Vila Seca, (17,45) e Gilmonde, (18,15).

Dias 3 e 24 — Terça-feira — *Itinerário n.º 9* — Beiriz, (18), Laundos, (18,30) e Necessidades, (19).

Dias 4, 11, 18 e 25 — Quarta-feira — BARCELOS.

Dias 5, 12, 19 e 26 — Quinta-feira — ESPOSENDE.

Dias 6 e 20 — Sexta-feira — *Itinerário n.º 8* — Martim, (17,45) e Cabreiros, (18,15).

Dias 8, 9 e 10 — (carnaval) — FERIADOS.

Dia 16 — Segunda-feira — Gamil, (17,45) e Barcelinhos, (18,30) — *Itinerário n.º 5*.

Dia 17 — Terça-feira — *Itinerário n.º 6* — Faial, (18), Vila Boa, (18,45) e Abade do Neiva, (19,30).

Dias 13 e 27 — Sexta-feira — *Itinerário n.º 7* — Bairro Dr. Oliveira Salazar, (17,45) e Arcozelo (Esparrinha), (20,30).

Dia 15 — domingo — *Itinerário n.º 3* — Roriz (9,15), Lama, (10), Palmeira, (11), Merelim, (12), Prado, (13), Atiães, (16) e Moure, (17).

Dia 22 — Domingo — *Itinerário n.º 4* — Perelhal, (9,15), Fão, (10,30), Apúlia, (14), Criad, (15,30), Estela, (16,30), Nabais, (17), Aguçadoura, (18) e A-ver-o-mar, (19).

António Carvalho

Conforme diz na entrevista publicada, na 3.ª página, Carvalho enviou à Direcção do Clube Desportivo da TEBE, uma carta a pedir a demissão como jogador.

Pensando que certamente os nossos leitores estariam interessados em conhecer a mesma, pedimos a António Carvalho que nos dissesse o conteúdo da referida carta.

Amavelmente, pôs à nossa disposição uma cópia que publicamos na íntegra:

Ex.ª Senhor

Presidente da Direcção do

Clube Desportivo da TEBE

BARCELOS

É com a mais profunda saudade que ousa despedir-me do

Clube Desportivo da TEBE ao qual me ligam as mais vivas recordações e que, certamente, não mais poderei esquecer pela vida fora.

Considerando porém as exigências dos médicos que me têm auscultado e verificando que seria criminoso da minha parte destruir em pouco tempo o pouco da juventude que me resta, vejo-me forçado, sabe Deus com que sacrifício espiritual, a deixar para sempre o ringue onde vivi os momentos mais sublimes da minha vida desportiva.

Entretanto, não posso deixar de manifestar o meu maior reconhecimento a ambas as Direcções, cessante e actual, pela maneira com que sempre me distinguiram.

Desejando os maiores êxitos desportivos, sou

António Carvalho

Foi apresentada uma proposta a qual foi aprovada por unanimidade com o teor seguinte:

Que todos os sócios concorrentes sejam obrigados a mandar aos treinos desta Sociedade pelo menos 50% dos pombos recenseados.

Como não houvesse nada mais a tratar foram feitas as respectivas actas que foram assinadas por todos os presentes.

*

Em virtude da Comissão Regional ainda não ter aprovado

o calendário desportivo para esta campanha, só nos é possível este mês dar a nota dos treinos e dos dois primeiros concursos:

Janeiro	25—	Treino	—Nine
Fevereiro	1—	»	—Ermesinde
»	8—	»	—V. N. de Gaia
»	15—	»	—Valadares
»	22—	»	—Espinho
Março	1—	»	—Aveiro
»	8—	Concurso	—Coimbra
»	15—	»	—Alb. dos Doze

No próximo número daremos o calendário desportivo completo.

MUNDO CIENTÍFICO DA LÃ Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

(Continuação do número 65)

Distribuição do pegunhal australiano

A Austrália possui cerca de 5% do armentio ovino mundial tem produzido, nos últimos anos, 600 a 650 milhões de quilos (base suja) de lã. A Austrália é de longe o maior produtor mundial de lã e a criação de ovinos e produção de lã constituem a maior indústria australiana.

A produção de lã australiana representa cerca de 30% da produção mundial. Esta alta percentagem, em comparação com a de ovinos, revela imediatamente o elevado peso do velo do ovino australiano, em comparação com o peso médio mundial. Na verdade, o peso médio do velo australiano anda por 45 a 50 quilogramas (base suja), enquanto a média mundial se situa em cerca de 2 quilogramas.

O desenvolvimento do Merino australiano

Os exemplares trazidos da África do Sul, em 1797, eram com toda a probabilidade descendentes directos do Merino da Coroa espanhola. Animais de pouco peso (cerca de 15 quilos), cujo velo, em sujo, não devia exceder muito dois quilogramas. A lã era, no entanto, fina, frisada e sobre o curto. A tradição de McArthur de conservar a raça foi mantida na maioria da criação australiana, mas o critério de selecção e cruzamento variou segundo os objectivos a atingir, nem sempre os mesmos: primeiramente procurou obter-se lã cada vez mais fina, mas, a certa altura, o peso do velo tornou-se mais importante do que a qualidade da lã, até que, finalmente, já no século XX, se normalizou, por assim dizer, o peso do velo em 4,5 quilos e se procuraram criar tipos de lã bem definidos e determinados pelas necessidades industriais e pela aplicação final a dar aos fios de lã.

O Merino australiano de hoje é um animal impressionante, com o velo a cobrir muito maior extensão do corpo do que no caso do antepassado transumante ibérico. Visto de lado, tem, com a lã crescida, forma quase quadrada; de frente apresenta-se com forma oval. No pescoço apresenta duas ou três profundas pregas, resultado do cruzamento com o Merino americano "Ver-

mont", também descendente do Merino espanhol.

O Merino espanhol foi igualmente apurado com cruzamentos com o Merino da Saxónia, igualmente descendente do Merino hispânico, que lhe conferiu resistência nas regiões húmidas costeiras da Austrália. Os cruzamentos com o Rambouillet adaptaram-se sobretudo às regiões secas da Austrália.

A preocupação principal dos criadores australianos foi, até cerca de 1870, a obtenção de lã cada vez mais fina. Dessa data em diante, os criadores começaram a preocupar-se mais com o peso do velo do que com a qualidade da lã. Cruzamentos sucessivos com os Merinos Vermont levaram a um aumento progressivo do peso do velo. Esta linha de acção acabou, no entanto, por dar maus resultados, pois os novos tipos criados começaram a desenvolver pregas em todo o corpo, o que, se bem que aumentasse o tamanho do velo, dificultava a tosquia. Além disso, o comprimento da fibra diminuiu para menos de 7,5 cm. e a qualidade e o rendimento da lã baixaram consideravelmente. Os australianos foram assim levados a regressar ao ovino Peppin, desenvolvido a partir de cruzamentos entre Merinos Vermont e Rambouillet e mais tarde, em 1910, ao ovino Wagnanella, resultante de cruzamento entre o Merino da Saxónia e o de Rambouillet. O cruzamento com o Merino Vermont teve de ser abandonado completamente em virtude das razões já expostas e ainda porque o Vermont resistia mal à seca e ao calor, razão das elevadas perdas do fim do século, em que o armentio ovino australiano foi duramente dizimado.

No entanto, a melhoria do ovino como produtor de lã não pode atribuir-se unicamente a uma selecção inteligente e a cruzamentos apropriados. A natureza das pastagens e as condições climáticas desempenharam também um papel importante.

A maioria dos ovinos australianos são de raça Merino (80%). No entanto, nas regiões húmidas e à beira dos rios australianos as raças cruzadas desenvolvem-se melhor. 20% dos ovinos australianos são de raça cruzada; 15% produzem lã Cruzado fina e 5% lã Cruzado média.

FIM

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria de Lourdes Alves Faria e Maria da Graça Lopes da Silva.

DIA 2 — Maria da Graça Fernandes da Silva.

DIA 3 — Isaura Miranda de Sousa, Emílio Augusto de F. Lemos, Maria Monteiro da Costa e Maria dos Prazeres F. Sá Gonçalves.

DIA 4 — Emília Machado de Brito.

DIA 5 — Maria Irene L. Vieira e Teresa da Graça Fernandes.

DIA 6 — Manuel da Conceição, Maria Albertina Carvalho, Carlos Alberto Ferreira, Rosalina Pereira e Maria Júlia Gonçalves Novais.

DIA 7 — Elvira G. de Sousa e Joaquina Fátima Vale Gomes.

DIA 8 — Armindo Pimenta Ramião, Maria de La Salle A. Pinto, Deolinda Lopes Vilas Boas e Henriqueta da Conceição P. P. Azevedo.

DIA 9 — Manuel Américo A. P. Machado.

DIA 10 — Emília de Jesus D. Moreira.

DIA 11 — António Augusto da Silva, João Cândido da Silva e Arminda dos Prazeres Ferreira.

DIA 12 — Maria de Lourdes da Costa Lima e Rosa Gracinda Rodrigues da Cruz.

DIA 13 — Maria da Conceição Pereira da Silva e Maria Armin da Gomes Monteiro.

DIA 15 — Celeste da Conceição Araújo e Maria de Fátima Azevedo Oliveira.

DIA 16 — Maria de Lourdes M. Monteiro.

DIA 17 — Nestor da Silva Martins.

DIA 19 — Maria José da Silva Gonçalves, Maria do Carmo Gomes Lima e José Gomes de Miranda.

DIA 20 — Manuel Evangelista T. Lima, Arminda Felgueiras Arezes, Sebastião da Silva Fortes, Palmira de Jesus L. Ramos e Maria Martins Vilas Boas.

DIA 21 — Maria Fernanda Faria Lemos e Domingos Carvalho de Miranda.

DIA 22 — Maria Júlia Carvalho Rodrigues, Maria Arminda Correia Lamela, Maria da Glória Sobral Faria e Ana dos Prazeres F. Pedras.

DIA 23 — Ana da Conceição Magalhães e Mário Aurélio O. Lucas.

DIA 24 — Maria Rosa de J. T. Santos e Rosa da Silva Ribeiro.

DIA 26 — Antónia Cândida P. Pimenta e Maria da Conceição da S. Pereira.

DIA 27 — Felicidade Pereira Magalhães.

DIA 28 — Maria Pereira Rodrigues, Maria Júlia Silva Fernandes, Maria do Carmo Torres da Silva e Manuel Fernandes Lopes.

DIA 29 — Idalina de Araújo, Maria Estrela F. Fernandes e Joaquina Pereira da Costa.

DIA 30 — Fernando Duarte F. Pedras, Maria dos Prazeres C. Cardoso e José Augusto Carvalho Ballester.

31 — Laurinda da Apresentação Maia e Adelaide da Silva Carvalho.

PRECE

Senhor, deito-me na cama
Coberto de sofrimento;
E a todo o comprimento
Sou sete palmos de lama;
Sete palmos de excremento
Da terra-mãe que me chama.

Senhor, ergo-me do fim
Desta minha condição;
Onde era sim, digo não,
Onde era não, digo sim;
Mas não calo a voz do chão
Que grita dentro de mim.

Senhor, acaba comigo,
Antes do dia marcado;
Um golpe bem acertado,
O tiro de um inimigo...
Qualquer pretexto tirado
Dos sarcasmos que te digo.

Miguel Torga

As Senhoras de bom gosto só preferem as malhas **TEBE**.
Vendem-se em todo o país

O Sonho do Infante

Na abertura do 2.º acto

O Infante, sentado, num rochedo, com ar mediatundo... sonhando... parece dizer o poema junto, que será declamado, nos bastidores, por alguém.

Aqui, neste rochedo... bem meu inspirador,
Escuto a voz do mar, num sonho aliciante...
Pois vive no meu peito a ânsia bem gritante
D'erquer as nossas quinas em terras de esplendor.

As ondas requebrando em rendas de esp'rança
Desfazem os mistérios... e o mar será certeza
Nas naus que riscarão, em sonhos de beleza,
A difundir a fé num mundo que se alcança.

Portugal será grande... imenso, eu bem pressinto
Nas lendas e cantares, ai! tudo que conheço...
Só o longe e o distante é Sol que desconheço;
Mas fé que me inunda da luz que sempre sinto.

Naus riscarão o mar, num impulso veloz,
E a nossa fé em Cristo, que é grande e sem igual,
Levará os poetas... de tèmpera imortal...
A ensinar ao gentio nossa crença e nossa voz.

António Baptista

No promontório de Sagres

Amigos meus e meus leais servidores: quantos dos meus sonhos de adolescente se têm tornado realidade em tão breves tempos!...

Um astrónomo

Chamais breves tempos a anos longos... Desprezastes o mundo, o conforto do paço, a alegria dum lar, os prazeres e as folganças para, sobre estes rochedos, teimosamente, sem um vislumbre de cansaço, sem arremedo de impaciência, arrancar ao mar os seus segredos, desvendar nos céus rotas desconhecidas, interrogar os ventos incertos.

Sem a vossa energia não se teriam aventurado os marinheiros, dominados por terrores vagos, crentes em lendas e agarrados a superstições...

Um velho marinheiro

Todos os dias olhais, ansioso, a interrogar o horizonte na esperança de ver surgir Gil Eanes, que, uma vez mais, foi tentar o caminho para além do Bojador.

É um marinheiro experimentado e em breve tereis novas suas... eu creio.

Outro homem da casa do Infante

Ante as vossas naus têm-se aplanado as ondas e aberto caminhos seguros. Rasgaram-se névoas e já divisamos as ilhas de Porto Santo, a Madeira, Santa Maria e extensas léguas da Costa da África.

O velho marinheiro

O vento está favorável para as naus regressarem ao reino. O mundo antigo há-de estremecer e baquearão as crenças assentes em milénários, ante a nova inacreditável.

O Traje Minhoto

(Continuação da página 2)

do formato de coração, castanholas ou ânfora. Quase todas tinham bordado o nome da terra «Vila Chã» e as iniciais do nome da possuidora. Algumas eram um mimo de arte, sem se confundirem com as de Viana; prevaleciam as cores discretas.

Colete, de rabilhos eram também muito bonitos com cinto de veludo, cravejado de lentejoulas e vidrilhos.

Lenços, do tipo austríaco, de fundo vermelho, azul ou amarelo.

Ouro, sobre o peito usavam todo o seu tesouro doméstico.

Sargaceiros (Apúlia)

Estes, mais típicos e regionais que os outros que existem no Norte do País, como sejam: os de Afife, Carreço e Castelo do Neiva. Todavia, são muito idênticos diferindo somente nas mulheres de Afife que usam chapéus de palha de abas largas. Deve ser, hoje, traje único no mundo, pelo menos para a aplicação a que se destina. Limito-me a descrever somente os de Apúlia. Este traje é usado pelos homens e mulheres quando vão apanhar sargaço. São de lã, porque tem necessidade de andar muito tempo dentro da água, e assim não arrefecem tão facilmente.

Traje Feminino

Saia de branqueta, tecido forte de lã.

Camisa, de linho.

Faixa, preta de lã.

Lenço, de lã de cor vermelha e ramalhetado, trespassado no peito.

Chapéu, pequeno, de feltro, na cabeça sobre um lenço de lã.

Traje Masculino

Veste de branqueta, posta directamente sobre o corpo, segura na cinta com um cinto de cabedal.

Na cabeça, um sueste de oleado, atado sob o mento.

Apetrechos, rede-fole e a gaudanha (para apanhar as algas que depois de secas são utilizadas na adubação das terras). Os sargaceiros são na sua quase totalidade trabalhadores do campo e não marítimos.

(Continua)

OBS.—Rectificamos as gralhas do número anterior:

Salto e Prateleira, quando deve ser. Salto à Prateleira; Gregas, deve ser pregas.

Use só Malhas TEBE

Um marinheiro alvoroçado

Senhor. Chegaram as naus? Em breve estará aqui o seu destemido capitão, Gil Eanes, pois desembarcados são já todos que nelas vinham.

Infante

Ouçamos o que ele nos conta. Eu não duvido que cumpriu a missão que lhe confiei.

Gil Eanes

Senhor, dobramos o Cabo Bojador e passamos para além... O mar era calmo junto à costa africana e não havia nas praias senão areia. «E porque, Senhor, me pareceu que devia trazer algum sinal da terra pois que em ela saía, apanhei estas ervas que aqui apresento a Vossa Mercê, as quais nós em este reino chamamos rosas de Santa Maria».

O Infante (apertando ao peito as ervas murchas)

Outras caravelas em breve seguirão a vossa rota, e após estas, outras mais longe ainda, e um dia, dirão da gente portuguesa «e se mais mundo houvera mais lá chegara».